

Mitologia do ensino-aprendizagem de inglês para crianças

Mythology of teaching-learning English for children

Cláudia Jotto Kawachi-Furlan¹

Marina Márcia Rosa²

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir alguns fatores relacionados à mitologia do ensino-aprendizagem de inglês para crianças, sobretudo na Educação Infantil. Assim, ponderamos acerca do argumento amplamente difundido de “quanto mais cedo, melhor”, bem como da visão do papel da língua inglesa como “ferramenta” para o sucesso no futuro. Problematicamos o discurso de que crianças aprendem rápido, com naturalidade e sem esforços, questionando o que esperamos dessas crianças e o que buscamos com esse processo de ensino-aprendizagem de inglês na infância. Julgamos que seja válido possibilitar espaços de discussão sobre esse imaginário social que envolve o ensino de inglês para crianças, que pode contribuir para práticas que não considerem a formação completa dessas crianças para o presente. Defendemos a importância de formar professores que estejam comprometidos com a educação linguística das crianças, com foco na sensibilização linguística para a apreciação das diferenças, conforme sugere Menezes de Souza (2019), e a valorização da criança e do seu contexto, respeitando suas características cognitivas, afetivas, sociais, físicas e emocionais.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem de inglês para crianças; mitologia do ensino; Educação Infantil; formação de professores.

Abstract: The objective of this article is to discuss some factors related to the mythology of teaching and learning English for children, especially in Early Childhood Education. Thus, we ponder about the widely spread argument of "the sooner the better", as well as the vision of the role of the English language as a "tool" for success in the future. We problematize the discourse that children learn quickly, naturally and effortlessly, questioning what we expect from these children and what we seek with this process of teaching and learning English in childhood. We believe it is valid to allow spaces for discussion about this social imaginary that involves teaching English to children, which can contribute to practices that do not consider the complete formation of these children for the present. We defend the importance of educating teachers who are committed to the linguistic education of children, focusing on linguistic awareness to the appreciation of differences, as suggested by Menezes de Souza (2019), and the appreciation of children and their context, respecting their cognitive, affective, social, physical and emotional characteristics.

Keywords: teaching-learning English for children; mythology of teaching; Early Childhood Education; teacher education.

¹ Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Contato: claudiakawachi@gmail.com.

² Mestre em Estudos Linguísticos pelo pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). Contato: marina.mfrosa@gmail.com.

Introdução

Nas últimas décadas, temos vivenciado o aumento pela procura e, conseqüentemente maior oferta, do ensino de inglês para crianças cada vez mais novas. É notável a expansão do número de escolas e programas bilíngües (português e inglês) por todo território nacional. Com base em pesquisas na área de ensino-aprendizagem de língua inglesa para crianças (LIC), podemos afirmar que essa busca para iniciar o processo de ensino-aprendizagem cada vez mais cedo está pautada em um imaginário coletivo sobre os possíveis benefícios de tal processo. Assim, neste artigo, buscamos discutir a mitologia do ensino-aprendizagem de inglês para crianças, especialmente na Educação Infantil, *locus* de enunciação das autoras deste texto.

Considerando a influência do mercado nesse contexto, julgamos válido ponderar sobre os discursos que defendem fortemente o ensino de LIC cada vez mais cedo, refletindo sobre dois aspectos principais que fazem parte dessa mitologia: 1) a ideia de que quanto mais cedo, melhor; 2) a língua inglesa e o futurismo. Portanto, organizamos este texto seguindo tais colocações, mas ressaltamos que essas ideias estão relacionadas e entrelaçadas.

É importante apontar que os dados discutidos neste artigo são oriundos da dissertação de mestrado intitulada “O ensino de inglês para a Educação Infantil: a visão de educadoras sobre sua formação, seu papel como professoras e objetivos de ensino”, defendida em 2020 por uma das autoras. Nesse estudo, a pesquisadora entrevistou 6 professoras de inglês da Educação Infantil da Grande Vitória³ (ES). Apresentamos aqui os dados referentes à mitologia do ensino de LIC, pois julgamos que seja essencial que pesquisadores e professores dessa área reflitam sobre esse tema, enfatizando o papel da ciência em um cenário tão marcado por frases prontas e discursos midiáticos.

³ A Grande Vitória é composta por sete (7) municípios do Espírito Santo, sendo eles: Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. A população total está estimada em 1.910 milhões de habitantes. Informação disponível em <<http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/historia-de-vitoria/>> Acesso em 24/04/2020.

Quanto mais cedo, melhor

A ideia de “quanto mais cedo, melhor” já foi objeto de várias pesquisas (GARCIA, 2011; FORTE 2013; PARDO 2013; GENESEE 2015a, 2015b; FORTES 2014, CARVALHO; TONELLI, 2016; MERLO 2019; ROSA, 2020, para citar alguns). O mito de que o início do processo de ensino-aprendizagem deve acontecer o quanto antes (qual seria essa idade? Desde um ano de idade?) envolve a discussão sobre a melhor idade para aprender, o tão aclamado período crítico para aprendizagem, cujos defensores afirmam que passado esse “período”, a aprendizagem pode ser comprometida. Além disso, envolve a reflexão sobre o papel da criança (e aqui estamos concentrando nossa atenção em crianças de 0 a 6 anos idade), que, supostamente, aprende com naturalidade e sem esforços.

De acordo com Genesee (2015a), acredita-se que as crianças sejam aprendizes de língua muito eficazes, o que resulta na expectativa que elas aprendam uma língua rapidamente e sem esforços, além de terem proficiência linguística similar a de um falante nativo. Porém, o autor pondera que não há consenso sobre quando deve ser esse início, ou seja, quando é esse “mais cedo” para que a tal competência similar a de um nativo seja adquirida. Para o autor, mesmo quando a aquisição de uma segunda língua ocorre nos primeiros anos de vida de uma criança, todo esse processo é mais complexo e difícil do que se pensa.

Outros dois fatores que devem ser considerados no que tange o “quanto mais cedo, melhor” é o aspecto do tempo de exposição sistemática à língua e as questões relacionadas à pronúncia “correta”. Merlo (2019) resgata Lenneberg (1969) ao explicar que pesquisas mostram que crianças demonstram ter facilidades com habilidades específicas, como o desenvolvimento da pronúncia, no entanto, a autora problematiza a preocupação com a pronúncia “correta” que “parece conceber a língua como sistema homogêneo e estanque” (Merlo, 2019, p. 83), questionando: que pronúncia “correta” seria esta, e de quem? Ademais, quanto à questão do tempo de exposição da criança à língua que possibilitaria maior aprendizado, ela denomina de “aprendizado quantitativo”, como se a quantidade de horas trouxesse um “[...] “acúmulo” linguístico (supondo que a língua seja uma estrutura, a qual a criança poderá internalizar uma maior quantidade de “peças”)” (MERLO, 2019, p. 85).

Portanto, quando pensamos que iniciar a aprendizagem de inglês nos primeiros anos de vida de uma criança vai contribuir para que ela tenha uma “pronúncia perfeita”, precisamos refletir sobre qual conceito de língua e linguagem estamos lidando. Ao entendermos língua como prática social (JORDÃO, 2013), nos desvinculamos dessa ideia estrutural de língua como sistema a ser apreendido, memorizado e repetido, nos afastando também da falácia do que seja uma pronúncia parecida com a de um nativo⁴, pois defendemos a língua inglesa como língua global e de fronteiras (MOITA LOPES, 2008).

Além do foco na pronúncia e proficiência tidas como de um “nativo”, os argumentos para o início precoce do ensino-aprendizagem de LIC ressaltam a naturalidade com que a criança aprende, resultando em uma aquisição linguística com menos esforços (e dificuldades), se comparada a de um adulto. Nos trechos a seguir, transcritos de entrevistas com professoras de inglês⁵ da Educação Infantil da Grande Vitória (ES), observamos que algumas dessas profissionais apresentam perspectivas similares ao que é divulgado pelas mídias de massa:

Andressa: *Acredito que como a criança aprende a língua materna facilmente ela irá aprender uma outra língua...ela está com a mente aberta a aprender as coisas ... Vendo uma outra língua mais cedo...mais rápido ela vai aprender... (entrevista)*

Carla: *Creio que na infância a aquisição da língua estrangeira acontece com mais naturalidade e a pronúncia também é um ponto positivo nesta fase. Aprender uma segunda língua desenvolve outras habilidades cognitivas. (entrevista)*

Marcela: *(...)eu acredito que muitos pais, como eu também né, que tiveram uma dificuldade pra aprender a língua, que sabem como é difícil você ficar anos e anos estudando pra você conseguir aprender, então você colocando isso pro seu filho desde bebezinho é muito mais fácil né, ele vai chegar na fase adulta ele não vai precisar de se preocupar em fazer um*

⁴ Foge ao escopo deste artigo discutir a questão do falante nativo.

⁵ A professoras entrevistadas possuem entre 38 e 23 anos. Três delas são formadas em Letras Português – Inglês, duas são formadas em Letras Inglês e uma delas é formada em Pedagogia. Todas elas atuam na Grande Vitória e em contexto de Escola regular de Educação Infantil, em Escola Bilingue Regular de Educação Infantil ou em Curso de Inglês para Crianças.

curso de inglês, porque ele já vai ter o domínio da língua né, então eu vejo assim... que... eu acho.. (entrevista)

As participantes foram questionadas sobre os objetivos de ensinar inglês na Educação Infantil. Como podemos observar em suas respostas, Andressa, Carla e Marcela mencionam a questão de aprender com naturalidade. Para Marcela, o objetivo é também parte do desejo dos pais em suprir uma possível lacuna que tiveram: não saber a língua inglesa. A professora ressalta que as crianças têm maior facilidade para aprender e, por isso, ao iniciar a aprendizagem desde “bebezinho”, elas já terão “domínio” sobre essa língua. Além disso, Carla enfatiza a aquisição de pronúncia.

Garcia (2011) discute como o discurso da mídia veicula a ideia perigosa de que a criança aprende com facilidade e absorve o conhecimento, automatizando o uso dessa língua. Tais pressupostos estão relacionados com o papel da criança como aprendiz passivo e receptor de conteúdos, “como se a criança que nada sabe, tendesse, por suas características físicas, absorver o que lhe é externo, já que é rasa, ou então, quase vazia.” (p. 74).

Concordamos com Garcia (2011) de que essa premissa pode ser bastante problemática, pois queremos que a criança saiba uma língua estrangeira de forma automática? Ou nossa intenção como educadoras é que o ensino-aprendizagem de LIC possibilite uma sensibilização linguística (MENEZES DE SOUZA, 2019) para que elas pensem sobre essa língua e, como sugere Menezes de Souza, que esse processo permita um educar para as diferenças? Queremos crianças passivas que naturalmente absorvem o que nós, “detentores do conhecimento”, estamos dispostos a transmitir? Ou buscamos que a criança seja autora do seu próprio discurso e protagonista na educação linguística (MALTA, 2019)?

Estamos cientes dos benefícios do processo de ensino-aprendizagem de LIC na infância, mas nosso intuito é problematizar esse imaginário coletivo que idealiza esse processo, sem refletir sobre o que está envolvido. Sabemos que iniciar a aprendizagem nos primeiros anos da criança pode contribuir para maior exposição dela nessa língua. Assim, conforme defende Genesee (2015b), “é praticamente impossível separar os efeitos da idade da quantidade de exposição” (p. 8 – tradução nossa⁶). É esperado que

⁶ Thus, it is often impossible to separate the effects of age from amount of exposure

uma criança que passe mais tempo em contato com determinada língua tenha bons resultados durante esse processo, o que, no entanto, não é garantido.

Carvalho e Tonelli (2016) discorrem sobre o mito de quanto mais cedo, melhor, e concluem que além de não haver pesquisas que provem a existência de uma idade ideal para se aprender línguas, após estudos sobre questões relacionadas à falta de políticas públicas, formação de professores, e, entre outros aspectos, as demandas específicas da idade, fica claro que com relação ao ensino de línguas para crianças, segundo as autoras, pode-se dizer que “quanto mais cedo, mais difícil”, ou seja, quanto mais cedo, mais fatores de várias ordens, desde emocionais, sociais, culturais, físicos, precisam ser pensados e administrados pelos educadores.

Além disso, é urgente discutir que a mitologia do “quanto mais cedo, melhor” está amplamente incutida nas intenções mercadológicas que concebem a língua como um bem de consumo, um produto a ser adquirido o quanto antes pelos pais, como assevera Parma (2013, p. 153):

O argumento do “quanto mais cedo, melhor”, o qual originara a necessidade injuntiva de se aprender uma língua estrangeira desde a primeira infância, está sustentado por um discurso científico que circula por nossa sociedade como uma verdade absoluta. Este argumento, baseado neste discurso científico, trabalha na relação das formações imaginárias, antecipando os resultados oriundos do ensino infantil de língua inglesa, como o sucesso, o melhor poder econômico, a ocupação de posições superiores nas relações de força da sociedade, através dos enunciados que circular pela memória discursiva, pela discursividade dominante. Dessa forma, este argumento antecipa os resultados (o sucesso) que podem ser provenientes de um produto (o ensino infantil de língua inglesa) para atingir o “público alvo” disso que é ofertado por meio do consumo.

Em consonância com os resultados do estudo de Garcia (2011), Parma (2013) também aponta para necessidade de refletirmos sobre os discursos acríticos que defendem o início precoce do ensino-aprendizagem de LIC. Ambos nos mostram que os argumentos disponíveis sobre desse cenário incidem na visão da língua inglesa como essencial para o futuro das crianças, o que será discutido no próximo item.

Inglês como “porta de entrada” para o futuro das crianças

Um dos fatores relacionados à vantagem de se iniciar o ensino de LIC mais cedo é a alegação de que uma vez iniciado seus estudos em LI quando criança, o indivíduo irá “crescer falando inglês”, como é dito por muitos pais. Esses acreditam que assim estão garantindo para seus filhos uma realidade em que, pelo fato de terem “crescido falando inglês”, eles terão melhores empregos e oportunidades no mercado de trabalho. Vemos nessas afirmações alguns problemas.

A primeira delas se dá pela visão de que, necessariamente, o que for iniciado na infância será levado para a vida adulta sem problemas ou dificuldades, de forma automática, o que também está relacionado à ideia de que crianças são aprendizes que dispõem de menor esforço para aprender uma segunda língua (BROWN, 2001, p. 87). Sabemos que essa afirmação é problemática, pois além das diferenças inerentes aos seres humanos, a aprendizagem de uma outra língua precisa fazer sentido para a criança para que seja construída de forma significativa. Além disso, temos a questão da busca pela LI na infância com vistas a vantagens de oportunidades futuras, e sobre isso, Lordelo e Carvalho (2003, p.15) são brilhantes ao citar Thoman (1979) e o “mito do futurismo” e a infância, pois

[...] nessa visão, a importância atribuída à infância é o fato de que ela prefigura o futuro, o verdadeiro alvo do desenvolvimento e dos esforços da educação que uma criança faz na creche não é considerado em função do seu bem-estar atual mas, sim, do que pode trazer para o futuro da criança, como melhor início na alfabetização e, em qualquer nível, um desempenho acadêmico mais elevado, o que resultaria em mais sucesso na vida como adulto.

Notamos que a maioria dos argumentos a favor do início precoce do ensino-aprendizagem de LIC destaca o futurismo. Observamos nas respostas de Karol, Luma e Marcela, quando questionadas sobre o objetivo do ensino de LIC, um foco no papel da LI para o futuro das crianças, conforme defendem muitos pais:

Karol: *É uma coisa ainda que eu tô trabalhando, pesquisando pra poder entender, porque assim...eu só vejo o lado dos pais e da escola . A escola quer ter o diferencial, e os pais pensam no futuro, em “Se ele faz um inglês agora com 3 anos de idade , na escola, eu tô pagando só uma mensalidade é só uma prestação que eu tô pagando.”... agora, do lado da Educação, eu*

acho que assim éhh o mundo globalizado, cada vez mais as pessoas tem que entender e se fazer entender nesse mundo, essa éhhh... seria o que eu acho, eu acredito, mas eu tô pesquisando assim lendo, pra tentar entender melhor o porque de ensinar nessa idade. (entrevista)

Luma: *Eu acredito que o objetivo do professor de inglês é fazer com que a língua estrangeira se torne algo natural na vida delas, não tanto quanto o português isso vai ser bem difícil, não impossível porque nada é impossível né, mas bem é capaz de se aproximar, quebrar essa barreira de que língua estrangeira é algo difícil, algo que nunca vai prestar na minha vida, mas não você pode aproximar, quebrar barreiras pra poder aprender uma nova cultura ehh, não sei, futuramente ajudar com oportunidade de emprego, ir pra outros países, abrir o mundo né, a mente da criança, e é bem legal porque também incentiva éhh... o cognitivo, né da criança e tal. (entrevista)*

Marcela: *O objetivo do ensino do inglês eu vejo assim que, muitas vezes até pelos pais mesmo né, eu também sou mãe, também quero que minha filha aprenda inglês porque nós fazemos parte de um mundo globalizado onde o inglês é uma ponte né, é a língua que mais se utiliza né pra se comunicar né, então é essencial a gente saber inglês né, hoje em dia né... o objetivo maior que eu vejo esse é isso mesmo, é o aprendizado assim de uma língua universal pra gente ter contato com várias culturas né... (entrevista)*

Para a professora Karol, o objetivo do ensino de LIC ainda não é totalmente claro, visto que ela afirma que está pesquisando para melhor compreender essa questão. Ela menciona o mito do futurismo e o papel do inglês no mundo globalizado. Luma acrescenta que o conhecimento da língua inglesa pode ajudar com empregos, no futuro, além de destacar que o objetivo desse ensino na infância é tornar a língua “natural” para as crianças. Marcela, cuja fala discutimos anteriormente, inicia sua resposta destacando o papel do inglês na globalização, sendo considerada como uma “ponte”.

Muitos pais, diretores, coordenadores de escolas e até professores enfatizam a importância do inglês para o futuro. Nesse argumento está presente a ideia de que a

língua inglesa será um diferencial para conseguir um bom emprego. Contudo, o que nos instiga é como esse argumento se sustenta há tanto tempo. Ficamos intrigadas com o fato de pais e escolas defenderem que essa língua será importante para o futuro. Mas como podemos de fato lidar com essa afirmação na Educação Infantil? Como podemos planejar aulas para crianças de 3 anos pensando que será benéfico para ela diante de uma entrevista de emprego? Por mais sem sentido que essa proposta possa parecer, esse é o discurso mais presente nas mídias e nas percepções de pais e diretores.

Ao analisar discursos midiáticos sobre ensino-aprendizagem de LIC, Garcia (2011) conclui que “a criança existe no futuro como um trabalhador, competidor e concorrente que deve se destacar por suas habilidades, assim como preparar-se para suas atividades desde muito cedo” (p. 86). Essa visão precisa ser problematizada, pois muitas propostas pedagógicas podem ser planejadas visando a preparar essa criança para o futuro, desconsiderando uma formação completa da criança para o momento atual, que busca formar cidadãos críticos. Santos (2010) nos lembra que essa falta de considerar o presente pode levar ao desinteresse por parte dos aprendizes, pois a importância da língua incide na preparação para o mercado de trabalho, ou seja, algo distante da realidade da criança. A autora pondera que é preciso que o ensino-aprendizagem de LIC seja significativo no presente.

Assim, percebemos que essa valorização do ensino da língua para o futuro das crianças está intrinsecamente ligada à concepção de língua como produto, que condiz com o atual cenário de expansão de escolas bilíngues ou escolas cujas ofertas de inglês iniciam na Educação Infantil. Ao analisar pesquisas sobre o ensino bilíngue no Brasil, Fortes (2014) afirma que a implementação dessas escolas “parece estar afetado predominantemente por um imaginário social da língua inglesa como um bem de consumo necessário, estando relacionado à ascensão econômica e a um status sociocultural privilegiado” (p. 6). Em outro estudo, a autora destaca que a falta de regulamentação do ensino bilíngues (português / inglês) contribui para a expansão dessas escolas na iniciativa privada, o que intensifica a divulgação de “representações de língua como ‘produto’ e de ensino como ‘serviço’” (FORTES, 2017, p. 117).

Portanto, é fundamental que pesquisadores e professores da área de ensino-aprendizagem de LIC, sobretudo na Educação Infantil, estejam cientes desses enunciados e das implicações de tais representações. Acreditamos na possibilidade da

educação linguística para educar crianças que sejam questionadoras do senso comum, do que tem sido chamado como “diferente” ou “o outro”, como sugerem Lima e Kawachi (2015). Assim, o processo de ensino-aprendizagem de LIC tem como foco a sensibilização linguística e o educar para apreciar as diferenças (MENEZES DE SOUZA, 2019).

É necessário que visões difundidas do papel do inglês como “ponte”, como algo que possibilita que a pessoa chegue a um lugar melhor (economicamente falando), sejam revistas. Pennycook (2007) destaca, entre outros mitos, os de que o aprendizado do inglês implica em desenvolvimento econômico e social para todos aqueles que o aprendem, e além disso de que esta língua seria uma língua de oportunidades iguais. Ao contrário, para o autor, existem questões de classe, questões políticas e sociais relacionadas com o ensino-aprendizagem dessa língua, que podem tanto criar barreiras quanto apresentar possibilidades.

Sabemos que a oferta de LIC ocorre majoritariamente na rede privada de ensino. Portanto, quem tem acesso a esse ensino são apenas aqueles que podem pagar por esse “serviço”, como denominou Fortes (2017). É nesse sentido que estar cientes dessa mercantilização do ensino de LIC nos ajuda a problematizar esse processo, o que não implica não defendê-lo, afinal, somos atuantes nesse contexto, mas refletir criticamente sobre o que pretendemos com o ensino de uma língua estrangeira para crianças. Isso nos ajuda a questionar as implicações do “quanto mais cedo, melhor, como defende Garcia:

O enunciado “quanto mais cedo, melhor” atravessa todos os dizeres, para fazer crer na necessidade de consumo imediato do bem inglês para crianças, a fim de dar pronto início à diferenciação entre os estabelecidos, que têm acesso à língua estrangeira, e portanto, ao sucesso, e os *outsiders*, que sofrerão a exclusão por não serem funcionais no mercado capitalista de acumulação flexível (GARCIA, 2011, p. 133).

Assim, julgamos que defender o ensino de LIC na Educação Infantil porque o inglês é uma porta de entrada para o futuro da criança é bastante problemático. Acreditamos que seja imprescindível repensar esses discursos de inglês como produto e a ideia de futurismo no ensino de LIC, uma vez que a infância é um momento de enormes possibilidades de desenvolvimento, descobertas, interações e incentivo da atuação ativa da criança em seu presente.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi discutir alguns elementos que compõem o imaginário social acerca do ensino-aprendizagem de língua inglesa para crianças, sobretudo na Educação Infantil (considerando crianças de 0 a 6 anos de idade). Assim, chamamos de mitologia do ensino de LI para crianças fatores que são intensamente divulgados em mídias de massa e estão presentes nos discursos de pais, diretores, coordenadores de escolas e professores. Em trabalho anterior sobre a perspectiva de educadoras sobre o objetivo do ensino de LIC, sobre sua formação e seu papel como professoras, notamos falas recorrentes que abordavam, principalmente, a ideia de que o processo de ensino de LIC deve ser iniciado nos primeiros anos da vida da criança para que ela tenha sucesso no futuro, por ter conhecimento dessa língua.

Assim, buscamos refletir sobre o amplamente difundido argumento de “quanto mais cedo, melhor”, questionando nossa visão de língua e linguagem e sua relação com a defesa de uma “pronúncia perfeita”. Além disso, discutimos sobre a relevância de problematizar o discurso de que crianças aprendem rápido, com naturalidade e sem esforços. Afinal, que criança é essa? E o que esperamos dessas crianças que passivamente recebem o conteúdo que lhes é depositado? Indagamos também os enunciados que enfatizam a visão de inglês como um bem de consumo a ser adquirido pelos pais e vendido pelas escolas que ofertam LI desde as mais tenras idades. Diante desse ponto de vista, observamos a presença do mito do futurismo, alimentando a ideia de que as crianças precisam aprender inglês para o mercado de trabalho, em um futuro bastante distante da realidade da maioria delas.

Concordamos com Garcia (2011) quando a autora pondera que a falta de regulamentação do ensino de inglês nos anos iniciais de escolarização, sobretudo para escolas bilíngues, contribui para que a mídia tenha legitimidade para promover afirmações sobre o ensino de inglês para crianças, o que leva muitos pais a assumirem o papel de consumidores desse “serviço” (FORTES, 2017), para que seus filhos, muitos ainda bebês, possam se beneficiar da aprendizagem dessa língua no futuro. Somada a isso, temos a falta de parâmetros e orientações oficiais sobre a oferta de LI na Educação Infantil, a falta de políticas linguísticas para esse contexto e a lacuna existente na

formação de professores de inglês para crianças, conforme discutido por Chaguri e Tonelli (2019).

Esperamos que este trabalho possa incentivar a discussão acerca dos propósitos de ensino e aprendizagem de inglês para crianças, para que pesquisadores e professores reflitam sobre a mitologia desse ensino, criando maiores oportunidades de debate e compartilhamento de estudos sobre esse tema. Julgamos que seja essencial que professores de LIC estejam cientes dos fatores que envolvem ensinar uma língua estrangeira para crianças para que possam fazer suas escolhas e planejar suas práticas visando a formação completa da criança. Embora o ensino de LIC na Educação Infantil seja marcado pela falta, ou seja, a falta de leis, parâmetros, formação, essa área tem sido foco de muitos educadores. Assim, acreditamos no potencial dessa área em formar professores que estejam comprometidos com a educação linguística das crianças, para que o propósito educativo de sensibilização linguística seja a apreciação das diferenças, conforme sugere Menezes de Souza (2019), e a valorização da criança e do seu contexto, respeitando suas características cognitivas, afetivas, sociais, físicas e emocionais.

Referências

BROWN. H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. 2 ed. London: Longman, 2001.

CARVALHO, I.; TONELLI, J. R. A.. The younger the harder: the challenges in teaching English to very young learners. *REVELLI - Revista de Educação, Linguagem e Literatura (ISSN 1984-6576)*, v. 8, n. 2, p. 1-18, 2016.

CHAGURI, J. de P.; TONELLI, J. R. A. Políticas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras para crianças no Brasil: (re)discutindo fundamentos. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 20, n. 42, p. 281-302, jan./abr. 2019.

FORTE, J. S. O ensino de Língua Inglesa para alunos da educação infantil em Porto Alegre: uma leitura crítica acerca do uso da linguagem. In: Santos, L.I. S; Silva, K. A. (Org.). *Linguagem, ciência e ensino: desafios regionais e globais*. 1ed. Campinas: Pontes, 2013, p. 175-195.

FORTES, L. O acontecimento do 'ensino bilíngue': representações da língua inglesa entre memórias e políticas. *Recorte (UninCor)*, v. 11, p. 1-18, 2014.

FORTES, L. Sentidos de legitimação do ensino bilíngue Português-Inglês: efeitos do discurso institucional. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 1, p. 104-120, 2017.

GARCIA, B. R. V. *Quanto mais cedo melhor (?)*: uma análise discursiva do ensino de inglês para crianças. 2011. 216 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

GENESEEE, F. (2015 a). Myths about early childhood bilingualism. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 56(1), 2015a, p. 6–15.

GENESEEE, F. Rethinking early childhood education for English Language Learners: The Role of Language. In V. Murphy & M. Evangelou, M. (Eds), *Early childhood education in English for speakers of other languages*. U.K.: British Council. 2015b.

JORDÃO, C.M. Conversa com Clarissa Menezes Jordão. In: SILVA, K. A.; ARAGÃO, R. C. (Orgs.) *Conversas com formadores de professores de línguas: avanços e desafios*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 77 – 91.

LIMA, A. P.; KAWACHI, G. J. Ensino de Inglês para crianças na era da globalização: Reflexões sobre (multi)letramentos, formação de professores e educação. In ROCHA, C. H.; BRAGA, D. B.; CALDAS, R. R. (Orgs.). *Políticas linguísticas, ensino de línguas e formação docente: Desafios em tempos de globalização e internacionalização*. São Paulo: Pontes Editores, 2015. p. 195-213.

LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A. Educação infantil e psicologia: para que brincar?. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 14-21, June 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 jan. 2020.

MALTA, Liliane Salera. *Além do que se vê: Educação crítica e letramentos, formação de professores e prática docente no ensino de inglês com crianças de 2 a 5 anos*. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. *Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 245-258.

MERLO, M. C. R. Quanto mais cedo, melhor?: implicações epistemológicas para a educação linguística de crianças. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, ES, v. 9, n. 23, p. 78-88, 2019.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *DELTA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008.

PARMA, Alan Febrão. *Ensino infantil da língua inglesa no Brasil: uma análise discursiva da evidência do "quanto mais cedo melhor"*. 2013. 168 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

PENNYCOOK, A. The myth of English as an international language. In: MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. (Ed.) *Desinventing and Reconstituting languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007, p. 90-115. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=K2jTpJBQm0gC&oi=fnd&pg=PT106&dq=the+myth+of+english+as+an+international+language++disinventing+and+reconstituting+languages&ots=PkmTXTsUEu&sig=eGiyV6HE5Ot5ielh_uXT3mUPXGo#v=onepage&q=the%20myth%20of%20english%20as%20an%20international%20language%20-%20disinventing%20and%20reconstituting%20languages&f=false. Acesso em: 25 mar. 2019.

SANTOS, L. I. S. Formação docente e prática pedagógica: o professor e o aluno de língua estrangeira em foco. In: *Calidoscópico*, v. 8, n.1, jan/abr 2010, p. 49 – 64.